



**beijo** seguido de  
**pretéritos**

**beijo** seguido de **pretéritos**

beijo tua boca, espirro: a lua me abandona. hoje não cantaremos, amor .....	4
pretéritos [im]perfeitos e palavras outras	
ressaca.....	13
a guerra é a mesma .....	14
sobriedade.....	16
ausência .....	18
embriaguez .....	20
retrato.....	22
desejo .....	24
puta [não] fui .....	26
motivações pedagógicas e alguns sabores.....	28
segunda sem lei .....	30
degredos .....	32
permuta .....	34
mnemotecnia .....	36

**beijo tua boca, espirro: a lua me abandona. hoje não  
cantaremos, amor**

“há entre o tempo e o destino  
um caso antigo, um elo, um par  
que pode acontecer, menino,  
se o tempo não passar?”  
(nilson chaves e vital lima, **tempo destino**)

minha avó, desaparecida já faz algum tempo, veio até mim, em sonho, e me disse pra não sair de casa nem tão cedo, nem cedo, nem mais tarde. estranhei esse pedido – em tom imperativo – vindo de sua voz sem vibração, risonha e triste. acordei engasgado, olhei ao redor, a televisão ligada indicava o número de mortos, o inominável em caminhões frigoríficos, os sepultamentos sem honra no escondido da noite adentro. mudei de canal.

as imagens eram boas, as palavras circunstanciais. sorridente, o capitão convidava a turba para um churrasco e saía pilotando seu jet-ski com um guarda na garupa. mudei de canal.

alguém anunciava a *live* do bruno e marrone, seguida do novo recorde de mortos. o capitão quis saber o que tinha a ver com isso: – “e daí?” – perguntou ele, fantasmagoricamente bestial. desliguei a televisão, mas não dormi.

abri a janela. a madrugada estava sombria, sem vento, pálida. liguei o rádio, deitei no chão da sala e apaguei ouvindo o zeca baleiro em parceria com a jade beraldo: “quando durmo sonho com papoulas, quando acordo já são onze horas...”

sonhei com a sonoridade de suas vozes, que me chegavam performáticas. ronquei sem melodia, descontraído entre o espirro e o desejo, a boca e o despejo, o beijo e a primavera, o amor e a insônia, o tempo e a espera, o silêncio e a lua, o cão e as flores, o despertar e o espanto, o sono e as papoulas, o alívio e a dança.

todo moído, acordei acuado com os latidos da cadela do vizinho, que ecoavam por debaixo da porta do apartamento ao lado.

liguei a tv e o vizinho, dono da cadela, um negacionista engomado e artificialmente sorridente falava do novo *app* do “supermercado pague pouco”, para a nossa – a sua – comodidade e segurança. mudei de canal e fui ao banheiro com a cara meio amassada e um certo amargor de cabo de vassoura me lembrando que precisava escovar os dentes: pensei no beijo que não veio.

o amor sorridente, colorido, talvez perfumado, chegou em forma de *live*, porém, continuei no vácuo do silêncio de meu autoexílio. *live*? prefiro o tempo irreal.

os dias passam entre o infinito que separa a sala e o banheiro, o quarto e a cozinha. a cama e a mesa da sala, agora oficina de trabalho.

toda hora tem ofício e o amor é uma fotografia de um bar que já não existe. um corpo híbrido pendurado na ponta da quarto crescente que vejo pela janela da sala.

em meus infinitos segundos de ócio, com a testosterona abaixo dos níveis tolerados, passei a desejar as pedras limadas pela correnteza da foz do acre: foi pra lá que as barrentas águas desse rio sem peixes arrasaram meus manuscritos para um não-livro, o dissabor acre de minha subjetividade em recusa.

senti saudades de um amor partido, com os seus olhos de mar.

outro dia, liguei a tv e o capitão receitava cloroquina. o número de mortos se aproximava dos cem mil.

decidi escrever meu diário em retrospectiva. decisão intuitiva, a partir de um sonho com dona neném, vó do mano sardinha e da claudinha. mãe da doca, da batista, do jota, da dinha e outros que não lembro agora.

dona neném que eu já conheci uma doce velhinha. aliás ela era a única velhinha que eu conheci que foi sempre assim: uma doce velhinha. a casa dela ficava em meu caminho para a escola e ela sempre me acenava com as duas mãos ou me dizia uma palavra de estímulo, me incentivando a seguir com o pé na estrada.

quando saí do bairro em que me criei, pra cursar a faculdade, nunca deixei de voltar para visitá-la, mas quando ela decidiu sair desse mundo, ou foi saída, por algum motivo, não pude ir vê-la e chorei muito por sua perda e por não ter participado das homenagens de sua partida. acho que andava suleando por aí. não lembro agora.

creio que por isso, uns tempos desses, ela veio até mim com o mesmo sorriso ininterrupto, a mesma sabedoria concisa, vivida. e disse que já estava na hora de eu ir lá pegar a minha bola dente de leite, que, em certa tarde, o velho joão galdino resolveu confiscar porque chutei numa galinha com uns dez ou doze pintos e uns dois ou três morreram bem na frente dele.

“pode ir pegar sua bola, meu filho” – disse ela. “o véi galdino já tá só o pó e num vai mais te incomodar”.

não pensei duas vezes e me taquei pra lá. porém, acordei no momento exato em que, sentada na sua varanda, dona neném me recebia com aquele sorriso que o tempo não apaga.

com a putez do aborrecimento na ponta da língua, tentei dormir novamente, pra continuar o sonho. não deu.

desapontado, fui pro diário.

### **cidade de rio branco, segunda-feira, dia vinte e três de março do ano de dois mil e vinte**

deposito minhas marcas em papéis velhos,  
feitos de nada.

limpo meu cuspe em panos puídos,  
feitos de nada.

porque o nada habita meu corpo deserotizado,  
minhas vontades interdidadas

### **cidade de rio branco, domingo, dia trinta e um de maio de dois mil e vinte**

deslocados,  
sitiados,  
asfixiados,  
famélicos,  
contaminados,  
interditados de todo o mundo,  
uni-vos!

### **cidade de rio branco, quarta-feira, dia três de junho de dois mil e vinte**

com o sangue encharcado de revolta,  
tinjo os muros de uma cidade moída por implacáveis vírus, mórbidos governantes e marchas neofascistas.

há um vazio nas ruas, vazio do medo que isola abraços e libera humanimaldades.

na tela da tv, o abismo fita meus olhos fundos.

sentada na calçada do chão, uma jovem tariana esmaga sua cabeça na indiferença do delphina aziz, o frio hospital de referência da abandonada manaus.

nesses dias plúmbeos, enquanto um cínico capitão passa a cavalo, pás mecânicas nos soterram com os corpos mortos.

debochado, ri o capitão, brincando nos lagos do planalto central, enquanto caminhões frigoríficos nos congelam nas filas de espera.

nesses dias plúmbeos, (im)potentes enfermeiras (re)humanizam nossos corpos anônimos.

george floyd, tua esmagada voz esmaga fronteiras e (in)consciências.

eu não consigo respirar

eu não consigo respirar

eu não consigo respirar

## **cidade de rio branco, quinta-feira, dia vinte e cinco de junho de dois mil e vinte**

pela janela não sinto o vento, só o mau cheiro da fumaça no ar, o podre horizonte chumbo das queimadas, a névoa azulada da petrificação da vida.

pela janela olho o inacreditável, a estática de um mundo de grades, cercas elétricas, muros, concertinas, arames farpados.

pela janela me dilacera o vazio de pessoas na rua, vazio de crianças brincando, vazio de picolezeiros e quebeiros ganhando a vida, vazio de amantes sorrindo.

pela janela me esmaga a cultura do medo, medo da morte solitária, medo do grotesco ritual das valas coletivas.

medo dos frios baús motorizados.

medo dos hospitais sem saúde.

medo das enganosas estatísticas oficiais.

medo de um mundo sem abraços, sem beijos, sem acenos.

pela janela me invade a performance das multinacionais, a estética de um vírus letal, as falsas empatias, os sujos negócios da farsa do novo normal.

pela janela observo a rua branca de nada, o tédio, a cidade doentia.

pela janela, com o corpo encoberto por uma rota cueca, ecoo graves e agudos nos silenciosos fundos de velhas painéis.

ecoo sons de protesto e de recusa.



## **cidade de rio branco, domingo, dia cinco de julho de dois mil e vinte**

sou a boca da noite que alimenta o entardecer.  
sou o raio encarnado que fecunda a escuridão.  
sou a materialidade infinita de tudo o que passa.

## **cidade de rio branco, segunda-feira, dia três de agosto de dois mil e vinte**

na ágora das gentes mortas, seres descarnados se revezam falantes.  
no plano central, do alto do púlpito, os que deixam herança, recursos para túmulos, lápides, honrarias.

no plano periférico, nos entornos do púlpito, os que se curvam e aplaudem suas próprias desditas.

fora dos planos, recusando o centro e a periferia, os que voltam pra cobrar as dívidas, atormentar os infames, exigir reparação.

## **cidade de rio branco, sexta-feira, dia quatro de setembro de dois mil e vinte**

na véspera do jantar, chateau carignan 2015, provolone, baguette, jamón serrano.

no meio do jantar, silêncio de silêncio, amor petrificado, estéril.

na tela da tv, coalhando lágrimas, absurdos ecos de estatísticas banalizadas: cento e vinte e cinco mil, quinhentos e oitenta e quatro mundos mortos.

fantasmas transbordando na caderneta de um cínico capitão da terra do pau brasil.

## **cidade de rio branco, sábado, dia vinte e um de novembro de dois mil e vinte**

engravada por um drone,  
sou só explosivos,  
veneno,  
bala suja.

## **cidade de rio branco, domingos, segundas, terças quartas, quintas, sextas, sábados**

o inominável amarga entalado na impossibilidade da linguagem. meu silêncio é feito de silêncios de dor e sofrimentos indizíveis em gestos e palavras, seus sentidos queimam a ponta da língua. um silêncio de milhares de vozes silenciadas, sumariadas, mulheres e homens com as palavras asfixiadas em suas gargantas.

desisto insatisfeito. um fogo secular incendeia minha vontade de explodir palácios e tiranos: “fogo nos fascistas”, grito com a sonoridade política e assumidamente ideológica de chico César.

passados outros tantos tempos, entediado de mim, abandono o diário, ligo a tv e mudo de canal inúmeras vezes, do dois ao oitocentos e trinta e um, pra cima e pra baixo. tudo me parecendo sempre igual, sempre a mesma merda, os mesmos clichês, as mesmas desnotícias, as mesmas resenhas esportivas que nada dizem, as mesmas análises políticas despolitizadas, o mesmo vil comércio de palavras e imagens.

desisto da tv e ligo o rádio bem na hora do errado eleitoral gratuito, ou seja, bem na hora em que a desventurada prefeitura de certa cidade amazônica retorna ao foco das envelhecidas novas ervas daninhas que brotaram do desertificado quintal da ilha da fantasia dos irmãos viana: ouço petecão, que fala por bocalom; o sobrinho do camely, que fala pela filha da adelaide machado; a tríade angelim, jorge e marcos viana, que falam por daniel zen; márcio bitar, que fala por um tal duarte; e o cinismo da razão burra, que fala por certo ex-reitor.

por medida profilática, desligo o rádio.

mais tarde, em mecânica obsessão, retorno à tv. as desnotícias são frescas: no brasil, o número de mortos se aproxima dos duzentos mil; biden vence trump; o coronavírus e o fascismovírus avançam sem freios; o fascistoide do palácio dos bandeirantes disputa a paternidade da vacina com o fascistúpido do palácio do planalto.

releio edgar allan poe e tomo a liberdade de adaptar seus versos: enquanto isso, “do alto de soberba torre”, impassível a esses cretinos governantes, “a morte contempla o panorama”.

desligo a televisão com meus olhos abertos para os tempos presentes. tempos de necroliberalismo, ar rarefeito, inflação alta, banalização da morte, realidade insuportável.

mais de duzentos mil mundos desabam ao meu redor, os enterros coletivos, a falta de saúde no sistema de saúde, o vírus desvendando a absoluta desigualdade social de um país que é anunciado moderno, revelando a farsa do desenvolvimento e da ordem e progresso.

lembro de meu pai – morto já faz uns anos – internado em um inóclito hospital, com suas artérias ressecadas quebrando as agulhas e a paciência das enfermeiras de plantão.

mergulho no mundo outro da linguagem, dispenso a identidade e sigo em andanças pelo infinito e labiríntico caminho entre a sala de trabalho/ócio e a cozinha do local onde moro, longe do lazer, desejando o prazer no “passo a passo apressado”, trôpego de cerveja suja com milho, máscaras nos olhos, mãos ressecadas do doentio combate ao vírus: provisoriamente, não cantaremos, amor.

volto ao rádio, um sertanejo universitário me causa certo enjoo. mudo de estação e canto minha absoluta indesejabilidade, acompanhando a voz do poeta morto: “no centro da sala / diante da mesa / no fundo do prato / comida e tristeza / a gente se olha / se toca e se cala / e se desentende / no instante em que fala / cada um guarda mais o seu segredo / sua mão fechada / sua boca aberta / seu peito deserto / sua mão parada / lacrada / selada / molhada de medo / pai na cabeceira / é hora do almoço / minha mãe me chama / é hora do almoço / minha irmã mais nova / negra cabeleira / minha avó me chama / é hora do almoço...”

deito em uma rede de meia idade, sem franjas, e adormeço meio acordado, ouvindo belchior.

o absurdo se esfacela em meus pensamentos, o canto surdo me escapa pela boca aberta.

um solene toque de três segundos me desperta. escuto o anúncio de uma fala do capitão em rede nacional. corro pra cozinha, pego uma velha panela de pressão e junto meu eco de protesto ao solitário eco de protesto de uma vizinha do prédio ao lado, me fazendo lembrar que em minha cidade o capitão ainda conta com umas centenas de bestas lhe lambendo as feridas brabas. bato mais forte, abafando o covarde silêncio dos adoradores da mórbida estupidez.

## pretéritos [im]perfeitos e palavras outras

“em todo lugar sou estrangeira  
menos na minha casa  
e mesmo na minha casa  
nenhum habitante sabe  
que o gosto justo da água  
é aquele daquela água  
que em minha terra se bebe”

(ivan lins e marina colassanti, **acqua marcia**)

## **ressaca**

entre duas curvas, a montante e a jusante, o rio regurgita  
ébrio, espirra corned beef, expele  
garrafas de cerveja e buchudinha.  
serpenteando entre o quinze e a judia, o rio mija  
quadrados de estofados e tampas de geladeiras,  
vomita plásticos, escarra  
fezes no orgulho de ser acreano.

## **a guerra é a mesma**

no pretérito presente  
tristeza inventa desamparo e solidão  
ignóbil autopiedade oculta o sono dos covardes  
que despertam solenes pra dormir de novo



## **sobriedade**

bardo das águas do aquiry, raimundinho  
riscou os ares da vila e da antiga Brasília, teceu  
manuscritos sobre certa batalha do baía, gritou  
aos pulmões que o prefeito era um fornicador, zombou  
dos vereadores, gargalhou  
do herói grileiro, cagou e andou  
para as pudicas da paróquia e desapareceu  
debaixo da fronteira, após inventar o hino da cidade.  
certo dia ele me disse que estava morando atrás do acre, onde  
o rio fica de cócoras,  
pra não ser visto pelos tratores do desenvolvimento,  
nem sentir o pixé de bosta da boiada.





## **ausência**

na estampa rubra de tuas asas de borboleta morro  
todas as noites de dia,  
pra amanhar as manhãs seguintes.



## **embriaguez**

o apartamento parecia seguro, o prédio nem tanto,  
dançando lento com o barranco do rio.  
no interior daquele edifício velho quis te comer  
o fígado, os cabelos, todos os teus pelos,  
teu coração rasgado ao meio.  
submergi nas profundezas de tua pele obscena, tragado pelo mar  
que transbordava de teus olhos.  
sob a cerração da madrugada,  
fundi meu corpo no teu, embriagado pelas sobras de tua cuba libre,  
por teu hálito de vodka e cigarro, por tua voz sussurrando  
*olha que eu fumo e tusso fumaça de gasolina.*  
embriaguez retida no intemporal,  
na carnalidade de um amor emudecido,  
um amor cambaleante nas margens de teus diminutivos,  
nos apelos de teu corpo em chamas.  
embriaguez soluçante na plataforma de tua despedida,  
ausente de mim.



## **retrato**

passo o tempo catando os cacos de meu corpo em pedaços,  
pra colar na moldura que você esqueceu de quebrar.



## **desejo**

no dissipar das trevas, cego de luz,  
vi a cristalização de tua boca cintilando  
entre minhas lentes de policarbonato.  
na mecânica de minhas pupilas graduadas,  
vi a pulsação de tuas artérias, as múltiplas  
cavidades de tua pele, o horizonte brilhante de tua presença.  
na nudez de meus olhos, desprovidos de lentes e armação,  
desejei o que não vi.





## **puta [não] fui**

(para uma cantante do 15)

se puta fui?

não fui.

isso ninguém há de provar.

mas se fui,

fui puta de altos voos, nunca

puteiro fuleiro.

não, puta não fui!

esse papo de puta

recalca não putas.



## **motivações pedagógicas e alguns sabores**

cinturão do bibi pendurado atrás da porta  
minhoca mordendo piroca de bodó atolado  
gato maracajá sem manchas penetrando jabuti albino  
peteca de cocô de cachorro com diarreia  
galinha mergulhando pra pegar cará  
piauí embeijado por tamboatá  
caldo de sarapó com jacuba doce  
jaçanã chocando ovo de tracajá  
tapuru de goiaba branca grudado nos lábios com abiu  
arabu com ovos de rolinha  
amor de poraquê por traíra



## **segunda sem lei**

um gole de silêncio pra você, doce amargura.

uma dose de silêncio pra você, tristeza sorridente.

um brinde de silêncio pra você, palavra emudecida.

uma garrafa de silêncio pra você, metropolitana provincial.



## **degredos**

minha primeira irmã mais velha chorou ao nascer. nunca  
ouvi seu choro, nem seu riso, retidos  
nos degredos de minha mãe  
e de meu pai.  
ouvi, por acaso, seus silêncios  
engasgados nas margens do rio negro.





## **permuta**

as águas do rio despejam fertilidade em todas  
as margens da cidade.

a cidade evacua suas obras em todas  
as beiras de rio.

o rio espreita inquieto, retém

as águas, as terras caídas, os balseiros, as obras evacuadas.

e cospe líquidos silêncios, afogando

as mágoas, os portos, as praças, as pontes,

devastando as casas e os barrancos.



## **mnemotecnia**

### **1**

também nos dias quentes de inverno, minha mãe ensaboava, botava pra quarar e enxaguava roupa na beira do uwa'kürü, momentos em que dava vida a tecidos encardidos e rotos. às vezes, a chuva a surpreendia no meio da tarde e o vento contrastava com a mansidão do rio, antecipando o anoitecer. quando já nada se podia fazer, o jeito era tomar rumo: ela caminhava à frente, uma grande bacia de roupas dançando sobre sua cabeça. em uma das mãos, um balde d'água; na outra, as sobras de anil e sabão, a escova e o pau de bater as peças maiores e pesadas. alguns metros atrás, seguíamos, eu e minha irmã mais velha, agarrados às canaranas, com o barranco se mexendo sob nossos pés na lama.

### **2**

minha mãe oculta uma parte de suas memórias nas imediações do porto da dona odete, entre o preventório e a cidade nova. o acervo é todo fundido em verbo temperado. memórias da pele, sensíveis, febris, tecidas no fora da linguagem. as mais profundas ficam na superfície, cabem nas mãos em concha. as ordinárias estão expostas no museu do encontro das águas, abaixo de manaus: um pedaço de vento de junho; uma gota de chuva cristalizada; um ferrão de arraia parda; um colar de assovio de boto vermelho; o apelo erótico de um naufrago; um encauchado com cerração do tarauacá; um fragmento do instante em que perdeu a virgindade; um pote com as cores das dez vezes em que deu à luz; um pingente da voz do amor partido; um bracelete de tempo; e um beijo de véspera. às memórias verdadeiras, argamassadas em escalas musicais, só ela sabe.

### **3**

sentada na varanda, em uma das saídas da volta seca, rosa sonhava o mundo com o murmurar do rio no sorriso e o firmamento grudado nos olhos. certo dia de iansã, ao retornar da escola, a cabeça escorrendo catetos e hipotenusas, tropecei nas pernas de uma estrela desgarrada e

fui cair bem no fundo do olhar da moça na varanda, feito um cisco.  
ela me invadiu irresistível, as mãos candentes, o feitiço da noite  
tatuado em suas retinas.  
quando cheguei em casa, minha mãe, sentada no plantão de mãe,  
me olhou com ar piedoso e mandou ir lavar umas manchas de madrugada  
que eu trazia grudadas nos cantos de minha boca.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

---

A345b Albuquerque, Gerson  
Beijo seguido de pretéritos / Gerson Albuquerque R. – Rio Branco:  
Nepan Editora, 2022.

41 p. : il. col.

E-book em formato PDF.

ISBN: 978-65-89135-52-4

1. Literatura brasileira. 2. Poesia. I. Título.

CDD 22. ed. 809.01

ficha técnica

título: **beijo** seguido de **pretéritos**

escritas e imagens: gerson albuquerque

projeto gráfico: nepan editora

capa e arte final: raquel ishii

produção editorial e diagramação: marcelo alves ishii

revisão: carlos andré alexandre de melo

formato: 12x16

tipologia: garamond, palatino linotype, book antiqua, times new roman,  
dante mt std, calisto mt, constantia - 09/11

número de páginas: 38

